

*Reconstituição dos Paleoambientes de uma Planície Holocênica no Curso Inferior do Rio Ribeira (Município de Iguape, SP).* BISSA, Walter Mareschi, 1998. Dissertação de Mestrado, São Paulo — Departamento de Geografia Física, Universidade de São Paulo. (60 páginas, 53 fotos, 6 desenhos, 5 gráficos)

Palavras-chave: Paleoecologia, Quaternário, Paleogeografia, Arqueologia, Sambaqui.

A pesquisa apresentada resulta do estudo de um testemunho de sondagem obtido da turfeira da Fazenda Boa Vista, na região de Iguape (SP), revelando variações na composição da vegetação e do clima da área estudada nos últimos 4.400 anos.

Os objetivos do presente trabalho são reconhecer os paleoambientes e avaliar as variações ambientais ocorridas durante o Holoceno na planície costeira de Cananéia-Iguape, a partir de um estudo palinológico em turfeira; apresentar um cenário paleogeográfico holoceno que contribua para uma melhor compreensão dos paleoambientes em que viveram as populações sambaquianas e que possibilite, na medida dos dados disponíveis, o cotejo da dinâmica de transformação dos cenários ambientais com os processos de ocupação humana do vale do Ribeira de Iguape.

Os resultados da análise palinológica para o período entre 4.400-3.300 anos AP sugerem mudanças de uma fase de clima mais úmido para mais seco. Constata-se,

também, que o pico de crescimento das populações sambaquianas corresponde a episódios de níveis marinhos mais elevados que o atual.

Os resultados paleoambientais estão de acordo com os indicadores paleoclimáticos identificados para a região do Distrito Federal, Triângulo Mineiro e Goiás, que apontam um clima mais úmido para o período de 5.000-4.000 anos AP. Clima muito úmido é também apontado na região sul (SC) a partir de 1.000 anos AP.

*Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: do sintetizar, do problematizar, do propor.* REIS, José Alberione dos, 1997. [Dr. José J.P. Brochado, orientador] — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Pós-graduação em História — Área de Concentração em Arqueologia. (262 páginas, 28 figuras, 15 quadros, 04 tabelas, 02 gráficos.)

Esta dissertação é um trabalho de propostas, de sugestões, de sistematização, de apontar problemáticas. Foi realizado sob o estímulo de se tentar o preenchimento de uma lacuna existente nos trabalhos arqueológicos realizados no Planalto Meridional, até o presente.

Saliente-se, desde já, que muito se comenta sobre um desvio que vem tomando as dissertações em termos de se criarem

modelos distantes do empírico da pesquisa arqueológica. O que aqui se apresenta, porém, é justamente por outro caminho, tomado a partir da constatação de que as pesquisas realizadas necessitavam de uma síntese, de que novos problemas fossem aventados e que, a partir destes, se formulassem novas perguntas na condução de continuidades.

A construção do objeto desta dissertação foi um desafio para culminar num “exercício” denominado de teoria do padrão de assentamento. Dessa forma, a ausência desta sintetização e a carência de marcos teóricos nas pesquisas foram as instigações para a produção deste trabalho.

É produto de uma arqueologia sem escavação. O estudo foi todo realizado a partir da literatura publicada na abrangência do que os autores denominaram, enfocando uma peculiaridade, de “casas subterrâneas”. Em trabalhos iniciados nos anos de 1960 e perdurando até inícios de 1990, o Planalto Meridional foi contemplado com ações que evidenciaram inúmero sítios. Estes foram levantados, prospectados e, alguns, escavados. As construções da “engenharia da terra” são encontradas desde Minas Gerais até os limites do planalto no Rio Grande do Sul. Localizam-se, principalmente, em altitudes acima dos 700 metros. Uma possível identificação com grupos Jê e uma remota ancestralidade dos Kaingang com os ocupantes pré-históricos são destacadas em quase todos os textos.

A consulta sobre a literatura publicada levou a perguntar por que os marcos teóricos não estavam presentes ou não estavam explicitados. Seria possível uma continuidade de pesquisas com esta ausência ou ocultamento? Para responder a primeira pergunta, fica-se apenas na constatação. Não foi o tra-

çado desta investigação. Respondendo a segunda é que se construiu e se elaborou o que aqui vai apresentado como propostas, sínteses e problemas.

O primeiro capítulo inicia com uma descrição geral das questões que envolvem a “arqueologia dos buracos”. Um conceito é sugerido. Seguem-se considerações sobre teoria. São apreciadas as abordagens contextual e processual e suas relações com a arqueologia dos buracos. Nomeados como conceitos no vazio, reflexões são tecidas sobre “paisagem”, “espaço”, “adaptação”, “casa”. Conceitos fundamentais para a arqueologia dos buracos e que transcorrem por este vazio não devidamente explicitado nas publicações. Neste capítulo também é trabalhado o padrão de assentamento como uma teoria.

Por um lado, a sistematização, conceitualização e postulados da teoria do padrão de assentamento são as intenções do segundo capítulo. Por outro, a aproximação desta teoria com o universo da arqueologia dos buracos. Um histórico das pesquisas na Região Sul é narrado. Apresentam-se as principais conclusões dos pesquisadores. Dados e informações são agrupados em quadros e tabelas. Um contexto da arqueologia dos buracos é sedimentado. Segue-se pela narração das etapas da construção teórica sobre padrão de assentamento. Alguns autores são apresentados e comentados a partir de seus conceitos e elaborações. Um conjunto de variáveis é exposto numa composição de caminhos e perguntas que interrelacionam a teoria do padrão de assentamento com a arqueologia dos buracos: áreas de atividades, estratégias adaptativas, mobilidade, distribuição, localização, hierarquia de recursos, tama-

nho, decisões, forma e função, estocagem, duração, relações sociais, defesa e organização da tecnologia lítica. No final do capítulo, exemplos de trabalhos que já foram realizados. Desta forma, cruzando os dados dos quadros e tabelas oriundos das pesquisas da arqueologia dos buracos, trabalhados com técnicas de estatística descritiva, dos postulados e conceitos da teoria do padrão de assentamento, amoldam-se perguntas, pistas, sugestões e problemas.

O terceiro capítulo é um arrazoado que tenta responder sobre analogia etnográfica. Inicia-se com uma pequena discussão teórica sobre este tema e sua relação com a arqueologia. Relações entre padrão de assentamento e etnografia/etnologia são relatadas. Uma fundamentada exposição de informações etnográficas e etnológicas conectadas com a arqueologia dos buracos é realizada com referências aos buracos e aos dados gerais sobre Guaianá, Kaingang, Xokleng. Finalizando, o que se pode concluir a partir do já pesquisado na arqueologia dos buracos e o que foi apresentado nos campos da etnologia e da etnografia.

O desafio para a construção desta dissertação partiu da constatação do que se denominou de conceitos no vazio. Estava-se diante de trabalhos publicados que enfocavam, em sua maioria, descrições, classificações e quantificações dos resultados. Os conceitos e os marcos teóricos estavam ausentes ou ocultos. Este trabalho resultou em sugestões de continuidades, apresentação de propostas, sistematização de uma teoria e instigação de perguntas para o futuro das pesquisas nesta arqueologia no Planalto Meridional.

*Geoquímica e pedogeoquímica de sítios arqueológicos com terra preta na Floresta Nacional de Caxiuanã (Portel-Pará).* KERN, Dirse Clara. [Marcondes Lima da Costa, Orientador] Doutorado em Petrologia e Geoquímica. Centro de Geociências da Universidade Federal do Pará, Curso de Pós-Graduação.

O principal objetivo do presente trabalho foi identificar o padrão de distribuição geoquímica e pedogeoquímica em sítio arqueológico com Terra Preta Arqueológica (TPA) e em sua área adjacente (AD) e identificar a ação antrópica sobre os elementos, determinando as associações geoquímicas típicas da TPA. Foram selecionados três sítios arqueológicos na região de Caxiuanã, município de Portel-PA. Nestes, foram abertas trincheiras na TPA e em suas respectivas áreas adjacentes. Em um dos sítios, o Manduquinha, foi efetuada coleta dos horizontes de solo a cada 5m, em transversais norte-sul. Para a amostragem do material arqueológico foi utilizado o mapa de distribuição do  $P_2O_5$  no horizonte  $A_1$ , escolhendo-se pontos equidistantes que representassem os locais de sua maior ou menor concentração. Foram determinadas: a) composição mineralógica, através de difratometria de raios-X; b)  $SiO_2$ ,  $TiO_2$ ,  $Fe_2O_3$ ,  $P_2O_5$  (fluente  $Al_2B_4O_7$ )  $Al_2O_3$ ,  $Na_2O$ ,  $K_2O$ ,  $CaO$ ,  $MgO$ ,  $Cd$ ,  $Co$ ,  $Cu$ ,  $Mn$ ,  $Pb$  e  $Zn$  (abertura total  $HF+HClPO_4$ ) e  $C$  (Waljley-Black, modificado), determinados por absorção atômica, colorimetria e titrimetria; c)  $As$ ,  $Se$  (geração de hidretos);  $Hg$  (geração de vapor),  $Zn$ ,  $Mn$ , e  $Fe$  disponíveis (oxalato de  $NH_4$  + ácido oxálico); complexo sortivo (acetado de  $NH_4$  a pH 7,0), determinados por Absorção atômica; d)  $Cr$ ,  $B$ ,  $V$ ,  $Sc$  por espectrografia ótica de emissão;  $U$  por fluorimetria e  $F$  por eletrodo de íon específico; e)  $Ba$ ,  $Cl$ ,  $Ga$ ,  $Nb$ ,  $Sr$ ,  $Y$  e  $Zr$  por fluorescência

de raios-X; f) composição química qualificativa nos solos e na cerâmica, através de microscopia eletrônica de varredura e g) datação da cerâmica por  $C^{14}$ .

A região de Caxiuana apresenta sedimentos correlacionados à Formação Alter do Chão, que foram lateritizados no terciário. Ocorrem ainda arenitos ferruginizados ao nível do espelho d'água da baía de Caxiuana, que às vezes serviam de abrasador para o homem pré-histórico. A drenagem principal é composta pela baía de Caxiuana e rio Anapu. Na área predomina Latossolo Amarelo sobre os perfis lateríticos, ocorrendo solos hidromórficos nas porções mais baixas. Nas porções mais elevadas do Latossolo, ocorrem as TPA, que possuem coloração escura e inúmeros fragmentos de cerâmica e de artefatos líticos. Quando comparados com os perfis das áreas adjacentes, os horizontes A dos solos com TPA, além de apresentarem coloração preta, são mais arenosos e melhor estruturados. Apresentam valores S, T e V, bem como pH mais elevados que os solos adjacentes, portanto, mais férteis. Os horizontes B não mudam significativamente em seus aspectos morfológicos, físicos e químicos, tanto na TPA como na AD.

A composição química representada principalmente por  $SiO_2$ ,  $Al_2O_3$ ,  $Fe_2O_3$  e  $TiO_2$ , é compatível com a mineralogia, composta por quartzo, caolinita, goethita e anatásio. Os horizontes A das TPA apresentaram valores mais elevadas de  $SiO_2$ ,  $MgO$ ,  $CaO$ ,  $P_2O_5$ ,  $C$ ,  $Ba$ ,  $Cl$ ,  $Cu$ ,  $K$ ,  $Mn$ ,  $Sr$  e  $Zn$ ; mais baixos de  $Al_2O_3$ ,  $Fe_2O_3$ ,  $Na_2O$ ,  $As$ ,  $Cd$ ,  $Co$ ,  $Ga$ ,  $Cr$ ,  $F$ ,  $Pb$ ,  $Sc$  e  $V$ , ou seja, do horizonte B para o A o primeiro grupo enriquece e o segundo empobrece. Alguns elementos como  $Nb$ ,  $Hg$  e  $Zr$  não apresentaram variações significativas entre TPA e AD.

No sítio Manduquinha as variações nas características morfológicas do solo permitiram separar a TPA em TPA-N e TPA-S. Por ocorrer em nível ligeiramente mais baixo na paisagem, forma um microambiente anaeróbico nos períodos mais chuvosos do ano. A distribuição geoquímica dos elementos no horizonte  $A_1$  reflete as variações ocorridas nas TPA. A TPA-S é mais enriquecida em  $Si$ ,  $Mg$ ,  $Ca$ ,  $P$ ,  $Ba$ ,  $Cl$ ,  $Cu$ ,  $K$ ,  $Mn$ ,  $Sr$  e  $Zn$ , apresentando menores concentrações nos demais elementos.

Os dados geoquímicos tratados através da análise de agrupamento modo "R", mapas de isovalor e análise fatorial permitiram identificar três grandes associações geoquímicas e localizar áreas de sua concentração. 1.  $P_2O_5$ ,  $MgO$ ,  $CaO$ ,  $Ba$ ,  $Cu$ ,  $Cl$ ,  $Mn$ ,  $Sr$ , e  $Zn$  representam os elementos estritamente relacionados com a TPA, que foram adicionados aos solos; 2.  $Fe_2O_3$ ,  $Na_2O$ ,  $As$ ,  $Cd$ ,  $Co$ ,  $Cr$ ,  $F$ ,  $Ga$ ,  $Pb$  e  $V$  representam a assinatura geoquímica dos Latossolos regionais. Foram modificados indiretamente no sítio pela atividade humana pré-histórica e 3.  $B$ ,  $Hg$ ,  $Nb$ ,  $Sc$ ,  $Y$  e  $Zr$  – que também representam a assinatura geoquímica dos Latossolos regionais – não sofreram modificações significativas em decorrência da ocupação humana pretérita.

O sítio Manduquinha foi ocupado pelo homem pré-histórico por um período mínimo de 300 anos (1280 a 1600 AD). Pelas características apresentadas nas técnicas de confecção da cerâmica, antiplástico utilizado, queima e decoração, corroboram a idéia de uma continuidade cultural. A ocupação pelo grupo que aí habitou poderia ser contínua ou não. Em ambos os casos, a pequena dimensão da TPA (0,5há), a pouca espessura da camada ocupacional e a pe-

quena quantidade do material arqueológico sugerem tratar-se de grupo de baixa densidade populacional.

A análise geoquímica multi-elementar permitiu definir hipoteticamente o padrão de assentamento do homem pré-histórico no sítio Manduquinha. A provável deposição de restos orgânicos em locais específicos, realizada pelo grupo que habitou a área, levou a um aumento significativo do fósforo, cálcio, magnésio, zinco, manganês e elementos a eles associados. Os elevados teores de Ca localizados no limite sudoeste da área foram atribuídos a restos de conchas que são comumente encontrados na forma de bolsões em outros sítios arqueológicos da região. Anomalias de Ca, Mg e P, localizadas a oeste e noroeste da TPA, foram interpretadas como sendo provenientes de materiais de origem animal, como ossos, fezes, urina etc. Locais de maior concentração em Zn, Mn e Cu, encontradas a sudeste e nordeste, podem estar relacionados à matéria orgânica vegetal utilizada na cobertura e paredes das casas, confecção de redes, esteiras, cestas etc. A norte e a leste da área, onde o solo é mais compactado, bem como na porção central ocorrem os menores teores desses elementos, por isso interpretados como áreas de circulação do grupo.

*Um Tesouro Herdado: Os Vestígios Arqueológicos da Cidade Colonial Espanhola de Villa Rica del Espíritu Santo/Fênix* – PR. PARELLADA, Claudia Inês, 1997. [Igor Chmyz, orientador]. Dissertação de Mestrado, Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

As ruínas da segunda fundação da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espíritu Santo (1589-1632) vêm sendo objeto

de estudo, tanto no Museu Paranaense como na Universidade Federal do Paraná, desde 1954. Assim, para a presente dissertação foi realizada uma análise abrangente do grande volume de vestígios arqueológicos recuperados desde aquela época até 1996 e incorporados ao acervo do Museu Paranaense e do Museu do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito. Atualmente as ruínas da área urbana de Villa Rica estão inseridas dentro do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, situado no município paranaense de Fênix.

Foram analisados materiais líticos, cerâmicos, de ferro, ósseos e malacológicos, inclusive abordando de forma preliminar a dieta alimentar em Villa Rica. Deu-se enfoque especial à cerâmica, procurando obter uma maior compreensão sobre as tecnologias de produção e padrões decorativos. Os artefatos líticos e o material cerâmico recuperados na área urbana de Villa Rica evidenciam a presença, em grande número, nos séculos XVI/XVII, de grupos indígenas Guarani; evidências que comprovam os fatos descritos na documentação histórica. O tipo de decoração mais freqüente no material cerâmico é o engobo vermelho, encontrando-se também em grande proporção a decoração escovada. Um dos traços característicos da cerâmica de Villa Rica é a predominância de pratos rasos e fundos, entre as 37 formas que os vasilhames cerâmicos foram classificados.

Todos os dados recuperados na análise dos vestígios arqueológicos, juntamente com a documentação histórica, proporcionaram subsídios para resgatar, pelo menos em parte, o cotidiano dos villariquenhos, e permitiram compreender como construía-se a identidade étnica nesta região. A identidade étnica dos “espanhóis” na Província del Guairá nos

séculos XVI e XVII era construída a partir de relações de contraste com os grupos indígenas que habitavam a região, com os “paulistas” e, em determinados momentos, até mesmo com os padres jesuítas. A população do Guairá percebia a heterogeneidade cultural e a categorizava, o que pode ser percebido pelos diversos relatos da época, tanto dos “espanhóis” como dos “paulistas” e dos jesuítas. O importante a ser destacado é a complexidade da construção das identidades étnicas destes grupos; afinal, de relativas alianças entre “espanhóis” com indígenas, com os “paulistas” e com os jesuítas, tem-se mudanças estruturais, conforme os anos passavam, em relação às atribuições, auto-atribuições e limites dos grupos étnicos que moravam ou transitavam por aquela região.

Ainda foram aprofundadas as pesquisas arqueológicas em Villa Rica del Espiritu Santo buscando tanto a recuperação da malha urbana daquela antiga cidade espanhola, como a caracterização das seqüências estratigráficas, para identificar os diferentes níveis de ocupação, além da definição dos processos de formação deste sítio arqueológico. A técnica construtiva mais utilizada em Villa Rica del Espiritu Santo era a taipa de pilão, sendo as coberturas principalmente em telhas do tipo colonial (meia-cana). As casas em taipa de pilão, estavam inseridas dentro de terrenos murados e tinham dimensões que variavam de 4x4m a 16x22m, não tendo corredores e com poucas divisões internas.

Também se ampliaram os trabalhos de localização das jazidas e afloramentos de rochas e minerais na região, importantes na estruturação sócio-econômica dos habitantes da vila.

Outro aspecto tratado na dissertação foi a caracterização do imaginário da população do município de Fênix em relação ao patrimônio arqueológico e histórico, através da análise da situação das ruínas de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632). A partir de dados recuperados em entrevistas com 44 pessoas e pela convivência e participação das atividades cotidianas da população de Fênix, fez-se a classificação em categorias de todos os atores relacionados ao universo arqueológico, procurando-se desvendar as regras sociais que norteiam este “universo de memória”.

Também são apontadas estratégias de envolvimento da comunidade local com a proteção de objetos e sítios arqueológicos, sendo apresentados os resultados que a exposição permanente e o audiovisual do Museu do Parque Estadual de Vila Rica, implantado em 1990, vêm trazendo, tanto no aumento do conhecimento da história natural e social da região, como também na preservação do patrimônio natural e arqueológico daquele local.

*Technologie de la pierre taillée.* INIZAN, M. L.; REDURON, M.; ROCHE, H. & TIXIER, J. M., 1995: CREP.

*Mônica Carsalad Schlobach*

*Setor de Arqueologia*

*Universidade Federal de Minas Gerais*

O livro de referência para estudantes franceses na área de tecnologia lítica tem, desde 1995, uma edição revista e ampliada, dessa vez organizado por M.L. Inizan ; trata-se do *Technologie de la pierre taillée*, Meudon: CREP. O volume anterior, de 1980, organizado por J. Tixier, intitulava-se *Préhistoire de la pierre taillée (vol 1), terminologie et technologie*.

O novo título resume bem o sentido da mudança que se pode observar nessa nova edição em relação à anterior: se na primeira edição os autores apresentavam uma nova abordagem para o estudo de coleções líticas, onde as preocupações principais residiam em distinguir os tipos de gestos e produtos do lascamento, bem como em estabelecer um vocabulário comum de base para ambos, na nova edição, o objetivo (certamente complementar aos anteriores) consiste sobretudo em apresentar novos conceitos e abordagens desenvolvidos nos últimos anos a partir de estudos recentes que utilizam a noção de cadeia operatória como ponto de partida. O capítulo introdutório resume bem tal intenção, mas ela está presente ao longo de todos os demais capítulos.

No que tange à organização dos capítulos, não há grandes modificações a assinalar: eles estão organizados de forma a permitir ao leitor seguir as etapas da produção das diferentes indústrias líticas, a partir do conceito de cadeia operatória – tal como ele é utilizado pelos tecnólogos.

Única modificação importante nessa organização: foi acrescentado um capítulo sobre a representação gráfica e, particularmente, sobre as técnicas, convenções e objetivos adjacentes ao desenho de peças líticas, onde são propostas formas de se responder a necessidades específicas a cada indústria a ser representada graficamente. O que é algo que concerne diretamente aos arqueólogos brasileiros, freqüentemente confrontados a matérias-primas e acidentes pouco comuns em outros contextos.

Outro ponto positivo dessa edição: o léxico comporta agora sete línguas (e não somente o inglês), incluindo o português (de Portugal). Mas é interessante notar que as

diferenças entre os termos propostos e os utilizados mais freqüentemente no Brasil não são tantas quanto se poderia supor. Além do que, tal léxico nos sugere a adoção de alguns termos, como o de talhe para toda atividade de lascamento (tanto as que têm como fim a obtenção de lascas, quanto aquelas que visam a produção de um objeto sobre massa central). Solução que nos permitiria evitar que um mesmo termo seja usado em dois sentidos, como é o caso atualmente: lascamento nesse sentido genérico e lascamento como produção que visa a obtenção de lascas.

O que nos remete a questões de terminologia, a qual, afinal, não deixa de ser contemplada nesse volume. Como não poderia deixar de ser. Afinal, a necessidade de adoção de novos termos acompanha toda nova abordagem ou análise que venha contribuir para a compreensão das indústrias líticas.